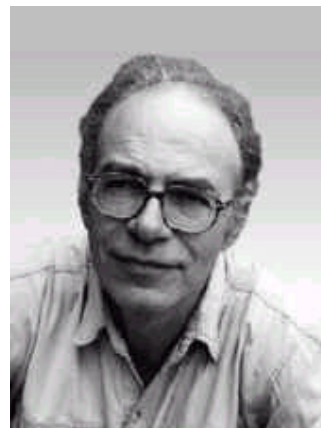


Autor Polêmico

Peter Singer justifica suas posições a favor do aborto, da eutanásia e até do infanticídio



Acaba de ser publicado no Brasil o livro de Peter Singer, **Vida Ética**. Reproduzimos a apresentação da tradução portuguesa deste livro polêmico, a entrevista concedida pelo autor ao caderno *Idéias* do *Jornal do Brasil*, 27 de julho de 2002, e quatro entrevistas com professores da UNISINOS comentando a entrevista.



VIDA ÉTICA: APRESENTAÇÃO DO LIVRO

PETER SINGER. VIDA ÉTICA: OS MELHORES ENSAIOS DO MAIS POLÊMICO FILÓSOFO DA ATUALIDADE. RIO DE JANEIRO: EDIOURO, 2002.

“O contato com as opiniões e com a obra de Peter Singer pode causar qualquer reação, menos a indiferença. *Vida ética* traz para o leitor uma coletânea de textos sobre os temas mais polêmicos abordados pelo filósofo australiano.

Provocador, quase sempre incômodo, Singer questiona, sem sutilezas, alguns dos mais delicados conceitos que sustentam a moral vigente: a defesa dos animais, o aborto, a eutanásia, as dívidas dos países ricos para com os pobres, o infanticídio, os direitos dos deficientes físicos, a proteção do meio ambiente.

Se apenas por seu significado intrínseco, essas questões já são capazes de causar controvérsia, a pena de Singer trata de incitar ainda mais o debate.

Os textos de *Vida Ética*, selecionados pelo próprio autor, ilustram a filosofia que lhe rendeu epítetos como “Professor morte” e “Homem mais perigoso do mundo”. Sua indicação para lecionar Bioética na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, provocou intensos protestos daqueles que o consideram um promotor dos ideais nazistas.

Originário de uma família judia que viveu os horrores do Holocausto, Singer alega defender simplesmente a idéia de que só se deve viver uma vida que valha a pena ser vivida. Isso serviria para todos os animais, não apenas para o homem; daí sua campanha veemente contra o uso de animais para a produção de alimentos, roupas ou a realização de experiências. Singer ataca o que chama de especismo – a concepção, pelo próprio homem, de que os seres humanos são sagrados e superiores às outras espécies – dando-se assim o direito de fazer com os animais não-humanos o que bem entenderem.

Esse é só o começo da polêmica. A partir de conceitos da filosofia utilitarista do século XIX, Peter Singer passa a limpo as regras de conduta da sociedade que viveu o século XX e que agora constrói o novo “milênio”.

ENTREVISTA DE PETER SINGER AO JORNAL DO BRASIL

UM FILÓSOFO PARA LÁ DE POLÊMICO

O ecologista Peter Singer justifica suas posições a favor do aborto, da eutanásia e até do infanticídio

Quantos livros de Filosofia já venderam 500 mil exemplares? O professor de Bioética de Princeton, o australiano Peter Singer, conseguiu o feito. Mas a custo de muita polêmica, ameaças, protestos públicos e até sites como o www.petersinger.com, de uma organização antiaborto que o chama de nazista para baixo. Na introdução de seu primeiro livro lançado no Brasil, *Vida ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade* (Ediouro, 420 páginas, R\$ 39,90), Singer ironiza as manifestações de ódio em torno do seu nome, cercado de epítetos como “Professor morte” e o “Homem mais perigoso do mundo”: “Se não tivessem ocorrido manifestações de protesto nos portões da Universidade de Princeton, se o superpoderoso aspirante a candidato presidencial Steve Forbes não tivesse jurado congelar as doações à instituição que o formou, até que esta se livrasse de mim, se minha indicação para professor de Bioética em Princeton não se houvesse transformado naquilo que o *The New York Times* denominou a maior comoção do meio acadêmico, desde que uma universidade americana tentou contratar o notório defensor do amor livre, Bertrand Russell, o livro que agora você tem em mãos não teria existido, pois sem esses acontecimentos os meios de comunicação dificilmente teriam percebido minha chegada aos Estados Unidos.”

Singer diz que resolveu reunir seus artigos em livro, porque toda essa discussão inflamada estava fundamentada em breves citações e resumos feitos por terceiros. Em *Vida ética*, o filósofo explica por que considera aborto, eutanásia e até o infanticídio moralmente justificáveis. E dá argumentos contrários à criação de animais para consumo humano. Não é difícil encontrar raízes de sua “filosofia vegetariana” em filmes como *A fuga das galinhas*, *O planeta dos macacos* e *Babe: o porquinho trapalhão*. Singer disse, em entrevista por e-mail ao *Idéias*, ter certeza de que o mundo seria melhor se tratássemos os animais com a mesma consideração que dispensamos a nós mesmos.

- Um dos capítulos de seu livro questiona: "O que há de errado em matar?" Qual é a resposta?

- O livro possui um capítulo inteiro que aborda essa questão. Eu dificilmente posso respondê-la em uma ou duas frases. Mas, em resumo, posso dizer que a resposta não deve ser simplesmente: "Porque aquele que é morto é um membro da espécie *Homo Sapiens*." Por que em se tratando de um membro de uma determinada espécie, em vez de outra, faria o matar ser considerado errado? Então nós devemos procurar por algumas características moralmente relevantes que fariam errado matar um ser em vez de outro. Eu sugiro que talvez o fato de que um seja ser autoconsciente, isto é, que sabe que ele, ou ela, existe no tempo, que tem consciência de passado e futuro, possa fazer com que matá-lo seja errado. Eu uso a palavra "pessoa" para me referir aos seres que têm esse tipo de autoconsciência. Talvez matar uma pessoa seja pior do que matar um ser que não é uma pessoa, porque, quando uma pessoa é morta, nós a privamos de realizar o seu projeto de vida.

- Quem mais poderia ser considerado uma "pessoa" além dos seres humanos?

- A maioria dos seres humanos normais são pessoas, mas nem crianças nem humanos, com severas deficiências intelectuais, são pessoas. Alguns animais não-humanos também são pessoas, por exemplo, os grandes macacos, como chimpanzés, gorilas e orangotangos. Talvez alguns outros também o sejam.

- Qual a consequência moral disso?

- Matar um ser que não é uma pessoa ainda necessita de uma justificativa, mas a justificativa é fácil de fornecer. Por exemplo, quando uma criança nasce com graves deficiências e é destinada a levar uma vida muito difícil, e a ser um peso para a família, os médicos não põem o bebê na incubadeira e permitem que ele morra. Mas isso pode acarretar uma morte lenta. Se os pais concordam ser melhor para o bebê que ele não viva, penso que seria sempre melhor acabar com sua vida rapidamente e de forma mais humana, para não haver um sofrimento desnecessário.

- O senhor afirma em seu livro que o aborto, a eutanásia e mesmo o infanticídio são justificáveis sob certas circunstâncias. Isso tudo em teoria, mas e na prática?

- Sobre o fato de se matar crianças, eu já dei um exemplo. Já sobre o aborto, enquanto isso seja feito antes que o feto possa sentir dor (e quase todos os abortos são feitos antes desse estágio, o que não chega a ser nem de 20 semanas após a concepção), acho justificável interromper a gravidez por qualquer razão que a grávida considere conveniente. Acabar com uma vida humana nesse estágio não é, sob o ponto de vista da experiência que o feto já teve, diferente de impedir que uma vida comece, ou seja, não é diferente de usar contraceptivos ou mesmo de se abster de relações sexuais quando a mulher está fértil.

- Qual argumento usaria em relação à eutanásia?

- Em relação à eutanásia, eu apóio leis como aquelas que existem agora na Holanda, Bélgica, e no Estado de Oregon, nos Estados Unidos, que permitem pacientes doentes de escolher acabar com suas vidas, quando eles pensarem que já sofreram muito.

- Aborto e eutanásia são questões polêmicas. Mas não seria simplesmente cruel, desumano, matar crianças deficientes?

- Como eu disse antes, isso é o que fazemos agora. Não fornecer a elas o tratamento de que elas necessitam para sobreviver e permitir que elas morram lentamente é que merece ser chamado de desumano e cruel. Por que permitir um sofrimento desnecessário, quando a morte virá de qualquer forma?

- O senhor tem denunciado o sofrimento de animais submetidos a condições desumanas em fazendas e laboratórios. Mas onde a desumanidade começa ou termina?

- Nós devemos ter a consciência do sofrimento que todos os seres são capazes de ter - e no meu ponto de vista, essa categoria engloba todos os animais vertebrados, provavelmente alguns invertebrados também. Se eles são humanos ou não, não é uma questão moralmente relevante. E se eles são pessoas, segundo eu defini antes, é importante saber se temos justificativas para acabar com suas vidas sem o consentimento deles.

- Na sua opinião, o que seria uma vida ética?

- Viver uma vida ética é todos os seres viverem com igual consideração, de modo que demos o mesmo peso para o sofrimento e angústia deles, e também para sua felicidade, como nós damos para os nossos. Esse é um critério muito exigente, é claro.

- Se começarmos a tratar animais como seres humanos, como o senhor sugere, qual seria a consequência para a humanidade?

- Vamos deixar isto claro: eu não acho que animais humanos e não-humanos sejam iguais. Mas é claro que alguns animais não-humanos são mais inteligentes que alguns seres humanos, por exemplo, aqueles com grave dano cerebral. Não penso que todos os animais devam ter os mesmos direitos. Suas habilidades e importância são diferentes. Meu ponto de vista é que devemos tratar animais com igual consideração. Se nós fizéssemos isso, tanto humanos quanto animais estariam melhor. Não haveria barracões com centenas de galinhas, todas em gaiolas, nem fazendas com milhares de porcos, todos presos, nem gado confinado. Em vez disso, nós poderíamos comer mais vegetais. Isso não apenas seria melhor para os animais como também para o nosso planeta. Nós poderíamos também produzir mais alimentos, se nós não déssemos tantos vegetais para alimentar os animais. Nós seríamos mais saudáveis, porque uma dieta com muita carne não é saudável.

- Como o senhor resumiria sua proposta de uma "filosofia vegetariana"? Não é possível que um filósofo ainda mais radical use o argumento de que plantas também são seres vivos e que matá-las é um crime?

- O argumento básico é muito simples: comer animais causa o sofrimento para seres sensíveis. Não precisamos comer animais para sermos saudáveis ou bem nutridos. Claro que isso não se aplica a selvagens que vivem nas florestas. Mas aos homens da cidade, que têm a escolha da comida de supermercado. Agora, acho que não existe um bom argumento ético contra matar uma coisa viva que não possui sentimentos ou consciência, como uma planta. Então não existe posição de defesa que seja mais radical do que a minha.

- Como o senhor definiria a chamada "Solução Singer para a pobreza do mundo"?

- Se todas as pessoas ricas do mundo - aquelas que têm dinheiro para gastar com supérfluos, como ir a restaurantes, comprar roupas novas, porque estão na moda, viajar de férias para outros países - dessem o dinheiro que gastam para organizações que trabalham para amenizar a pobreza, nós poderíamos eliminar as piores formas de pobreza. Na verdade, não seria nem necessário que as pessoas ricas dessem tudo ou a maioria do que eles gastam com supérfluos. Uma quantia modesta, como 10% de suas rendas, seria suficiente.

- Na sua concepção, o consumo se torna uma espécie de pecado.

- Viver uma vida de alto consumo, sem contribuir para melhorar as condições de 1,2 bilhão de pessoas no mundo, que são menos afortunadas que nós, que têm de viver por menos de US\$ 1 por dia, é errado. As pessoas deveriam pensar com mais cuidado, sobre suas prioridades. Seria preciso viver numa mansão ou dirigir o último carro de luxo importado ter uma vida realizada? Não seria melhor sentir que contribuiu para reduzir o sofrimento do mundo, fazendo do mundo um lugar melhor?

- Mas se alguém trabalha 12 horas por dia, enquanto outra prefere esmolar, por que a primeira deveria dar parte do que ganha para a segunda?

- Nós deveríamos apenas dar dinheiro para que as pessoas se tornem auto-suficientes. Eu não estou falando de simplesmente dar dinheiro àqueles que pedem na rua. Mas as grandes organizações que fornecem ajuda internacional não são estúpidas. Elas fazem o melhor para se certificar de que a ajuda fornecida por eles terão um ótimo uso.

- Como o senhor pode dizer o que é supérfluo, se até as comunidades tribais usam ornamentos?

- Estes devem ser casos raros, mas em geral não é muito difícil responder a esta pergunta. Você realmente precisa comprar aquele terno novo? Aquele carro? Ir àquele restaurante?

- O senhor é personagem do livro de J. M. Coetzee, *A vida dos animais*. Como isso aconteceu? Até que ponto é possível separar o que é ficção e realidade neste livro?

- Eu não sou um personagem do livro. A personagem central, Elizabeth, apresenta alguns pensamentos semelhantes aos meus, mas, no que diz respeito a certas coisas, o ponto de vista dela é muito diferente, como eu tentei indicar na minha resposta ficcional publicada no livro. Eu suspeito que o ponto de vista de Elizabeth esteja mais para o de Coetzee.

- O senhor é um filósofo especializado em bioética, que a cada dia é mais necessária e mais difícil num mundo que está praticamente pronto para clonar seres humanos. Que questões novas a ciência tem a oferecer à filosofia?

- Obviamente clonar é uma delas. Apesar de não ser totalmente correto dizer que já podemos clonar humanos. Não podemos produzir o clone criança de um ser humano adulto e, mesmo que, pudéssemos fazer isso, o risco de uma anormalidade é muito alto. Acho que seleção genética e, mais tarde, engenharia genética, capaz de mudar o DNA da

nossa descendência, sejam as maiores questões que teremos de encarar nas próximas décadas.

- A Austrália é um país sem grande tradição filosófica. No entanto, seus livros já venderam mais de 500 mil exemplares em todo o mundo. O senhor não teme que a polêmica seja um ingrediente fundamental do seu sucesso?

-Se meus livros venderam bem, isso significa que eles estimulam as pessoas a pensar sobre importantes questões. Sempre forneço argumentos, se as pessoas não concordam com minhas conclusões, então elas precisam mostrar onde os argumentos estão errados. A tradição filosófica da Austrália, ou a falta de uma, não tem nada a ver com isso. Você imagina que australianos só lêem livros australianos, ou só falem de filósofos australianos? Austrália é uma cultura cosmopolita muito diversificada, possuindo um intercâmbio global de idéias. Eu tenho me especializado em tradição filosófica da língua inglesa, tanto na Austrália quanto em Oxford. Tenho ensinado na Austrália, Inglaterra e nos Estados Unidos, e vários outros países. A Associação Internacional de Bioética, da qual fui um dos fundadores, promoverá um congresso mundial em Brasília, em novembro. Acredito que agora temos uma tradição filosófica global.

PROFESSORES DA UNISINOS COMENTAM PETER SINGER

Álvaro Montenegro Valls é professor no PPG de Filosofia da UNISINOS. Doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha com tese intitulada: *O conceito de história nos escritos de Soeren Kierkegaard*. Mestre em Filosofia pela Universitat Heidelberg, Alemanha. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, FFNSM, Sao Paulo. Valls publicou os seguintes livros: *Entre Sócrates e Cristo. Ensaio sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*, 2000, v.1. p.228. e *O Que é Ética*, 1986 p.83.

Lucilda Selli é professora no PPG de Ciências da Saúde Coletiva da UNISINOS. Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília, UNB, com tese intitulada *Bioética: Solidariedade Crítica e Voluntariado Orgânico*. Mestre em Enfermagem pela UFSC. Especialista Em Metodologia do Ensino Superior, pela UNISINOS e em Bioética, pela UNB. Graduada em Teologia pela PUCRS e em Enfermagem pela UNISINOS. Selli é autora do seguinte livro: *Bioética na enfermagem*. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.

José Roque Junges é professor no PPG em Saúde Coletiva na UNISINOS. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, PUG, Itália, com tese intitulada *Conciencia y Discernimiento*. Mestre em Filosofia, pela PUCRS. Especialista em Filosofia, pela PUCRS. Graduado em Filosofia e em Letras Clássicas pela UNISINOS e em Ciências Jurídicas e Sociais, pela UFRGS. Junges é autor dos seguintes livros: *Ecologia e criação – Resposta Cristã à crise ambiental*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1. 103; *Evento Cristo e Ação Humana: Temas fundamentais da Ética teológica*. 1. ed. São Leopoldo (RS): UNISINOS, 2001. v. 1. 374 p *Bioética: perspectivas e desafios*. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999. v. 1. 322 p.

José Nedel é professor do PPG de Filosofia na UNISINOS. Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil. Sua tese intitula-se: *A concepção ético-política de John Rawls. Uma*

tentativa de integração de liberdade e igualdade. Especialista em Curso de Pós Graduação Em Filosofia pela PUCRS. Graduado em filosofia pela UFRGS, em Letras Clássicas, pela UNISINOS e em Ciências Jurídicas e Sociais, pela UFRGS. Nedel é autor dos seguintes livros: A teoria ético-política de John Rawls. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. v. 1000. 203 p; Ética, direito e justiça . 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. v. 1. 248 p; A teoria ético-política de John Rawls (tese doutorado). 1. ed. Porto Alegre: PUCRS, 1999. v. 1. 244 p; Ética, direito e justiça. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. v. 1000. 256 p; Maquiavel. Conceção antropológica e ética. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. v. 1000. 120 p; Em defesa da vida. 1. ed. Porto Alegre: Instituto de Desenvolvimento Cultural, 1994. v. 1000. 94 p; Maquiavel. O homem, a ética e questões correlatas em O Príncipe e nos Discursos. , 1994. v. 1. 201 p; Crítica da Razão Popular. 1. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1990. v. 2000. 143 p.

PETER SINGER EM DEBATE

A extensão das respostas dos entrevistados foi a que eles mesmos escolheram dar e a ordem, foi a própria em que eles foram respondendo.

***IHU On-Line-* Como você define a pessoa humana? Concorda com Peter Singer na sua concepção de pessoa?**

Álvaro Valls- A questão da “pessoa” é filosoficamente fundamental, e Peter Singer tem o grande mérito de colocá-la com muita clareza. Como já o sabia Kant, tudo tem seu preço, mas a pessoa tem dignidade. Esta dignidade, porém, não pode depender *exclusivamente* da herança biológica, do fato de pertencermos a uma espécie (*homo sapiens*), e não sermos, por exemplo, chimpanzés (parentes muito próximos de nós, com um genoma extremamente semelhante ao nosso). Singer consegue provocar uma salutar reflexão quando compara os preconceitos “de espécie”, do século XX, com os preconceitos “de raça” do século XIX. - Como a própria palavra, em sua origem, nos ensina, pessoa, “*per-sona*” tem a ver com possuir uma “voz própria” que possa ressoar, e portanto, “individualidade auto-consciente”. Os filósofos sabem que a “pessoa” aparece em três contextos: no teatro grego, na religião cristã e no direito romano. Importante, nos três casos, é a capacidade de relação, diálogo, possibilidade de responder, ser responsável. Não há pessoa sem vida interior, mas o problema atual é que se colocarmos padrões de medida e parâmetros empíricos para decidir, na prática, “quem é pessoa”, os resultados não coincidirão necessariamente com as fronteiras das espécies biológicas. Se meu pai, após um acidente, está provisoriamente inconsciente, incapacitado temporariamente de respostas e de relações, ele não perde a dignidade da pessoa, mas pode-se discutir se um humano em estado vegetativo permanente (PVS) ainda teria todos os direitos de uma pessoa. Quanto ao zígoto, nas primeiras semanas após a concepção, os documentos mais recentes do magistério da Igreja Católica declaram que não é pessoa, porém deve ser tratado como tal. Digamos assim: em respeito pelo que poderá vir a ser. Os vivos se solidarizam com os futuros viventes, tal como no batismo dos bebês.

Lucilda Selli- Sobre a definição de pessoa. Seria inexato, do ponto de vista da ciência, incluir todos os seres humanos no conceito de pessoa. Pessoa é uma categoria da ciência da Ética, portanto deve designar um grupo de indivíduos com características específicas: autoconsciência, racionalidade, capacidade de fazer escolhas e entender as conseqüências das mesmas e ser responsável por

elas. Entendo que os humanos podem ser colocados em distintas classificações e, seja qual for a categoria à qual cada um pertence, todos estão ao abrigo da ética; pois possuem dignidade e humanidade. Um embrião tem vida humana e é, no meu ponto de vista, um ser humano em formação. Uma criança tem vida humana, e é um ser humano. Porém não se aplica a estes o conceito de pessoa. Em ética, pessoa é o indivíduo moralmente competente, capaz de fazer escolhas e de assumir a responsabilidade e as conseqüências de tais escolhas, o que foge do alcance do embrião e da criança, o mesmo ocorrendo com aqueles que possuem deficiências mentais.

Roque Junges- "Pessoa" é uma categoria antropológica criada pela tradição ocidental para designar aqueles que são merecedores de respeito absoluto. A abrangência foi crescendo historicamente até incluir a todos os que pertencem à espécie humana. Momentos importantes dessa amplificação foram: nos tempos antigos, o cristianismo; na época da expansão européia para outros continentes, a discussão se os índios tinham alma; nos tempos modernos, a definição kantiana de dignidade, englobando todos os humanos. Hoje a discussão é se o embrião merece o respeito devido à pessoa humana (Ver: V. Bourguet, *O ser em gestação. Reflexões bioéticas sobre o embrião humano*. Loyola, 2002).

Singer quer ampliar ainda mais esse conceito, incluindo também animais superiores, designados como pessoas não humanas. Estou plenamente de acordo com Singer de que precisamos mudar nossa maneira de tratar os animais. Mas essa nova atitude exige uma mudança radical de paradigma (Ver: F. Capra, *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Cultrix, 1996), que não é o caso das reflexões de Singer. Sua radicalidade é apenas aparente, não de fundo. Por exemplo, ao falar de "direitos" dos animais está fazendo uma simples antropomorfização modernizante dos animais. Eles só serão verdadeiramente respeitados dentro de um novo modelo de pensar e viver que não é o da modernidade, matriz de pensamento de Singer. Por isso, não é suficiente a filosofia utilitarista de Singer. A nova atitude em relação aos animais e à vida em geral acontecerá, quando assumirmos o paradigma ecológico que não faz parte de indivíduos, mas de redes interconexas. Portanto, não se trata apenas de aplicar a categoria antropológica de pessoa aos animais, mas de uma mudança radical de mentalidade.

Conexa com essa amplificação da categoria de pessoa para os animais superiores como os macacos, Singer afirma que alguns humanos, acometidos de algum retardamento grave, não são pessoas e, por isso, não merecem o mesmo respeito que esses animais superiores. Por que a amplificação da categoria de pessoa aos não humanos, como quer Singer, implica sua restrição quanto aos humanos? A categoria de pessoa, uma das bases da tradição cultural do ocidente, identifica-se com respeito devido, intercambiável com dignidade, significando que o ser humano não pode ser tratado apenas como meio, mas sempre como fim (Kant). Faz parte dessa concepção deontológica de Kant que não temos o direito de definir limites para a inclusão de humanos na categoria de pessoa. Se a biologia define que alguém pertence como indivíduo à espécie humana, merece respeito devido à pessoa. Defender essa posição radical não significa, como parece deixar entender Singer, que então se possa fazer o que se quiser com os animais. O não provocar sofrimentos aos animais não humanos não implica a possibilidade de eliminar os humanos que tenham retardamento. São duas realidades diferentes, porque o ser humano é um ser cultural e, portanto, moral. Por isso, a abrangência e o critério ético para respeitar um e outro é diferente.

José Nedel. É conhecida a definição clássica de pessoa, como “indivíduo racional” ou “substância individual racional”. Na extensão deste conceito tem sido compreendido o ser humano, composto de partes substanciais diversas - uma corpórea, material (corpo) e outra incorpórea, espiritual (alma). Assim sendo, é o homem uma “substância viva, sensitiva e racional”, ou então, na definição clássica, “animal racional”. Da animalidade decorre, como propriedade, a mortalidade; da racionalidade derivam a sociabilidade, a liberdade e a religiosidade. À estrutura assim constituída se agregam qualidades acidentais, variáveis de indivíduo para indivíduo. Com esta definição lidou tradicionalmente a cultura ocidental. Dentre os seres naturais, só o ser humano tem merecido a qualificação de pessoa; os outros animais, mesmo os superiores dentre eles, como os grandes macacos, não têm sido considerados pessoas, por falta da capacidade de consciência reflexa perfeita (*reditio completa in se ipsum*). Até hoje eles não têm demonstrado que a possuam. Não construíram, como os humanos, um mundo simbólico, cultural (ciência, tecnologia, arte, moral, direito, religião...). Só se pode atribuir a eles esta capacidade gratuitamente. E o que gratuitamente se afirma, gratuitamente se nega. Peter Singer conhece este conceito, mas deseja alargar sua extensão ou aplicabilidade, afrontando a tradição. O que ele pretende, a rigor, não é rebaixar os humanos ao nível dos outros animais, porém elevar os outros e trazê-los para o círculo em que a todos se dispensa igual consideração. Talvez o que ele quer vem a dar no mesmo: retirar do homem o privilégio de sua singularidade absoluta entre todos os viventes naturais, na contramão da grande tradição ocidental, cujo espírito reluz na frase magistral de Julian Huxley - *man stands alone* - que considero uma das mais belas da literatura universal.

IHU On-Line- O autor equivale as situações aborto, uso de contraceptivos e se abster de ter relações sexuais quando a mulher está fértil como formas iguais de impedir ou interromper a vida humana. O que a bioética tem a dizer sobre isso?

Álvaro Valls- É claro que identificar aborto, contracepção e abstinência sexual é uma simplificação que só pode ser entendida no meio de uma polêmica, com fins de provocação. Os dialéticos (e os publicitários) sabem que a verdade avança através de exageros e radicalizações, mas a verdade não está nos momentos unilaterais, abstratos: há que trazer as determinações, as circunstâncias, “o caso” em sua concretude, para poder julgar. - É verdade que existem correntes de opinião que rejeitam tanto o aborto quanto a contracepção como se fossem a mesma coisa, uma recusa à vida e ao fruto do amor, mas é claro que são coisas bem diferentes, se bem que recusar-se a manter relações sexuais por razões egoístas não deixaria de ser um “não” à vida. Contudo, condenar uma mãe de família responsável, que já tem seus filhos e eventualmente até se dispôs a cuidar de seus velhos pais, proibi-la de participar dos sacramentos da religião, excluí-la assim, “excomungá-la”, pelo simples fato de utilizar métodos eficientes de paternidade/maternidade responsável, é um absurdo, só explicável pela ignorância e pela irreflexão. - Voltando à pergunta: o próprio Singer declara, em sua “Ética Prática”, que perder uma viagem antes de começá-la, interrompê-la logo no início ou voltar para casa um pouquinho antes do final planejado não são a mesma coisa, inclusive se a viagem for nossa caminhada pela vida. Convém, portanto, por respeito a um autor sério, não se fixar apenas em uma de suas declarações isoladas, e não substituir a leitura de seus livros pela de entrevistas jornalísticas. Todo jornalismo é muito parcial (mesmo nas publicações sérias).

Lucilda Selli -O que considero equivalente nestas situações é que tanto no aborto, no caso específico, o aborto desejado, quanto no uso do contraceptivo e da abstenção da relação sexual têm em comum um sujeito ativo. É sempre uma pessoa que procede a uma escolha; nesse caso, mulher. Os três exemplos citados com significado unívoco, pelo autor, provocam uma grande controvérsia no campo da ética. No aborto existe a eliminação de uma vida humana; com o uso do contraceptivo, não se permite o encontro dos gametas. Na abstenção da relação sexual em período fértil, há a intenção de evitar uma gravidez. Portanto, são meios distintos de evitar e/ou interromper a gravidez que provocam questões éticas totalmente distintas. A contribuição da bioética se dá em dois níveis: a) na reflexão científica sobre esses temas; b) possibilitar a reflexão e a discussão desses assuntos entre distintas comunidades morais.

Roque Junges- Essa equivalência parte da suposição que identifica o zigoto (ovo fecundado) com os gametas (óvulo e espermatozóide). Para essa posição, trata-se de realidades potenciais biológicas que podem dar origem a um ser humano, isto é, afirma a potencialidade tanto dos gametas quanto do ovo fecundado de tornar-se, no decorrer do processo, ser humano. Portanto, está implicado que o zigoto, identificado simplesmente com os gametas, não é ainda ser humano, mas apenas material genético. Essa identificação confunde duas realidades essencialmente diversas. Os gametas têm a potencialidade de produzir (potency to produce) um ovo fecundado; enquanto este tem a potencialidade de tornar-se ser humano (potency to become). "Produzir" significa usar uma matéria para fazer surgir algo diferente, enquanto "tornar-se" depende apenas de um processo de desenvolvimento do mesmo que tem em si as suas potencialidades. Trata-se apenas de deixar desenvolver-se em seu ambiente adequado. O ovo fecundado é "autopoiético" (isto é, tem em si a auto-organização necessária) para desenvolver-se, enquanto os gametas não, porque necessitam da junção dos códigos genéticos, para que se inicie o processo. Os gametas dão origem a algo diferente. O ovo fecundado é um indivíduo biológico com código genético definido, enquanto os gametas, pela meiose, têm apenas a metade dos cromossomos do código genético de um indivíduo. Portanto, identificar simplesmente essas realidades é um sofisma.

José Nedel. O resultado prático pode ser o mesmo; o meio de o alcançar, porém, é diverso em da situação e, pois, sujeito a uma avaliação ética diferenciada. Interromper a vida humana formada, mediante aborto direto ou uso de drogas abortivas é sempre imoral, por atentar contra a sacralidade da vida. Prevenir-se contra a concepção mediante a abstenção de relações em época de fertilidade da mulher é meio natural lícito – talvez o único não sujeito a objeções de ilicitude moral.

IHU On-Line- Como seria uma sociedade onde o paciente ou o familiar tivessem a liberdade de "por fim ao sofrimento" através da eutanásia?

Álvaro Valls- Poderia ser parecida com a Holanda atual: uma sociedade rica, saudável, obstinadamente consciente dos direitos e das liberdades das pessoas, com uma estrutura de serviços de saúde bastante eficiente, índices de alta qualidade de vida e longevidade. Se analisarmos objetivamente a questão da legalização da eutanásia na Holanda, veremos que o que lá ocorreu foi a ordenação legal de um costume que já surgira: deixar morrer quem está sofrendo muito e já não vê mais sentido para a continuação de sua vida. A legalização inclusive dificultou a prática, justamente para evitar os abusos: exigiu atestados de dois médicos independentes, não ligados ao paciente. Afastou a possibilidade do “jeitinho” e diminuiu a hipocrisia. - A questão da eutanásia não está tanto na decisão do “quando” permitir que a pessoa morra (e todos nós morreremos um dia), mas sim no respeito à consciência do paciente. Claro que não é “eutanásia” deixar que os parentes se livrem mais cedo de um doente que dá trabalho, assim como não foi “eutanásia” o genocídio dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas (onde morreram, aliás, três avós de Peter Singer). Não é eutanásia se a pessoa não quer morrer!

Lucilda Selli- A questão da eutanásia, em meu ponto de vista, está muito mais próxima do pensamento utilitarista, que permeia a sociedade moderna com seu cálculo dos custos de um tratamento fútil do que constituir a preocupação central do paciente e/ou de seu familiar. Em minha prática profissional com pacientes e familiares, observo que, na maioria das vezes, o desejo de morrer do paciente está envolto justamente pelo sentimento de inutilidade e de incômodo que o mesmo percebe constituir para a família. Imaginar uma sociedade que desfruta da liberdade de "por fim ao sofrimento" através da eutanásia me leva a querer imaginar, também, a possibilidade de construir uma sociedade na qual "os outros sofrimentos" sejam abolidos.

A vida humana é tecida no amor e na dor. Imaginar uma sociedade na qual a eutanásia constitua uma prática com o amparo legal, com permissão para pôr fim ao sofrimento, continua sendo uma sociedade que leva a "marca do sofrimento" humano como elemento que permeia a vida de todos os seus membros. A problemática tem uma abrangência maior. Em nosso país, a principal questão é o acesso democrático à tecnociência. A eutanásia é estatisticamente irrelevante. O tema principal, portanto, é da justiça com relação ao acesso às novas tecnologias que prolongam a vida humana. Em alguns países do Continente, como o nosso, a existência de uma tecnologia médica que avança *pari passu* com os países desenvolvidos. Esse fato levanta questões que giram em torno da discriminação e injustiça, particularmente com relação ao acesso à tecnologia moderna, que é reservado apenas para pequenas parcelas da sociedade que possuem altas rendas. Como consequência, na América Latina, a justiça, a equidade, a solidariedade, dentre outros, ocupam um espaço similar aos princípios da autonomia, consentimento livre e esclarecido, típicos da bioética dos países do primeiro mundo. A

liberdade de "por fim ao sofrimento" em nosso país, embora deva ser considerada como um legítimo tema de debate por parte de determinados grupos sociais, não deve constituir uma prioridade ética.

Roque Junges- As novas tecnologias de reanimação e sustentação possibilitam a sobrevivência e a recuperação de muitos pacientes desenganados, mas, ao mesmo tempo, abrem o caminho para o encarniçamento terapêutico que segura em vida quem já está praticamente morto. É o que comumente se chama distanásia¹. Em contraposição a esse procedimento moralmente reprovável, alguns começam a propor a eutanásia, isto é, a liberdade de pôr fim ao sofrimento, provocando a morte do paciente. A pergunta que se poderia levantar é se a única maneira de pôr fim ao sofrimento é a eliminação. Não haveria outros caminhos que trouxessem conforto ao paciente sem, contudo, abrir essa brecha de possíveis abusos? Evidentemente, existem situações conflituosas de difícil solução. Creio que existe uma obrigação moral de minorar e superar as dores e os sofrimentos através da presença humana e o uso de medicamentos. É imperioso humanizar as estruturas hospitalares e criar mecanismos de apoio. A questão de fundo é se podemos colocar nas mãos da sociedade esse recurso jurídico. O que significará culturalmente abrir a possibilidade de levar intencionalmente alguém à morte, mesmo dentro de parâmetros jurídicos estritos? Mais adiante esses parâmetros serão alargados e os abusos podem multiplicar-se. Creio que a convivência social exige o reconhecimento jurídico do respeito absoluto à pessoa humana sem exceção. Esse é o enquadramento constitucional do Estado moderno. Se isso vale para qualquer Estado, mais ainda em uma situação de discriminação como a nossa. Quais seriam as consequências da aprovação de uma lei a favor da eutanásia no Brasil?

José Nedel- Julgo que haveria uma intranquilidade e desconfiança geral, com reflexos extremamente negativos no seio das famílias e da própria sociedade. É o que André Frossard, eminente jornalista do *Figaro* e escritor francês recentemente falecido, denunciou, ao tratar da eutanásia para estudantes franceses. Na oportunidade disse, com forte dose de ironia, que, se a prática fosse legalizada, não faltaria sobrinho de tio rico a proclamar com insistência: "coitado, o tio velho já sofreu demais!" (*Deus em questões*. São Paulo: Quadrante, 1991, p. 145-147). É natural que, sendo legalizada a eutanásia, embora com precauções, como na Holanda, até diminui a confiança das pessoas nos médicos. É o que observa Ronald Dworkin: "Muitos críticos do esquema holandês sustentam que nesse país os velhos começam a considerar os médicos como seus inimigos" (*El dominio de la vida*. Barcelona: Ariel, 1998, p. 249).

IHU On Line- Como analisa a igualdade dada por Singer a pessoas e animais e o que seria "viver uma vida ética"?

¹ "Sobre a distanásia cf.o importante livro PESSINI, Leo, Distanásia. Até quando prolongar a vida?", São Paulo, Editora do Centro Universitário São Camilo e Edições Loyola, 2001. Nota do IHU On-Line".

Álvaro Valls- A equiparação, de estilo “jornalístico”, entre a vida dos humanos e dos animais não humanos, do modo como está sendo apresentada, cumpre funções de polêmica, e se caracteriza pelo exagero. Mas é claro que Singer está coberto de razão ao defender os animais não humanos de nossas crueldades em laboratórios e fazendas de criação intensiva e confinada. Nossa espécie tem agido de maneira criminoso na extinção de muitas espécies animais, e de maneira gananciosa e irresponsável no consumo da carne dos animais de cativeiro. Manipulamos seu crescimento, deixamos frangos com luz acesa para que comam mais, limitamos os movimentos ao máximo, nos galinheiros, nos chiqueiros e nos poteiros, transformamos uma quantidade imensa de proteína vegetal em alimento daqueles que fornecerão aos ricos proteína animal, e deixamos conscientemente que milhões de seres humanos morram de fome, cresçam deformados pela desnutrição, e não mostramos um mínimo de solidariedade humana com as populações mais pobres. É incrível quanta coisa se esconde por trás de um bom churrasco! São Francisco de Assis pediria para morrer, se visse o que fazemos com esses nossos irmãos, que também são filhos de Deus, criaturas maravilhosas de um plano de amor universal. E não vai contra o mais elementar bom senso igualar todos os animais, da pulga ao gorila, do porco à borboleta, todos eles, numa mesma categoria, e dizer: nós humanos podemos dispor ao nosso bel prazer da vida e do sofrimento deles? Não estamos o tempo todo afirmando a necessidade de gradações, de distinções? Então por que na prática é indiferente se comemos peixe ou ovelha? Peter Singer tem uma visão extremamente elaborada sobre as distinções necessárias: que um esquimó se alimente de animais, é compreensível, do mesmo modo que se compreende que um esquimó envelhecido se exponha ao frio e se deixe morrer, mas tais costumes podem e devem ser alterados quando eles se tornam desnecessários. Uma “vida ética” supõe uma convivência mais fraternal e menos predatória em nosso pequeno planeta, assim como supõe perguntar sempre se algum ser está sofrendo por culpa nossa.

Lucilda Selli- Gosto de ler os polêmicos escritos do autor e refletir sobre eles, porém estou longe de conseguir assimilar em sua plenitude, a idéia da igualdade defendida por Singer entre a espécie humana e as demais. Em meu ponto de vista, os avanços morais nas relações entre os humanos e as outras espécies estão se dando de forma lenta, porém não-desprezível. Os avanços da ecologia, a proteção ao meio ambiente e às espécies vivas seriam impensáveis há cerca de cem anos atrás. Devemos, portanto, ter perspectiva histórica com relação ao tema. Certamente, em um período de tempo não muito longo, caminharemos no sentido de conviver de forma mais harmônica com as demais espécies que compõem nosso ecossistema. Não há como negar que ainda predomina uma visão especista entre os humanos, assim como, séculos atrás, a escravidão entre humanos era considerado um fato natural.

Roque Junges- respondeu este assunto na primeira pergunta.

José Nedel- A intenção de Peter Singer é boa: visa a promover a defesa dos animais. Para isto, entretanto, não é preciso atribuir-lhes a condição de pessoas nem direitos. Animal não racional não é sujeito de direitos, segundo nossa velha e boa tradição filosófica e jurídica. Tampouco a natureza como tal é um sujeito de direitos com o qual pudéssemos celebrar um certo “contrato natural”, como quer Michel Serres. Nem por isso, todavia, ficam ao desamparo os animais e a

natureza, se ativarmos os deveres do homem de fazer deles um uso de acordo com a reta razão. Em relação a eles deve o homem proceder, não como dono absoluto (que efetivamente não é), com direito ilimitado e predatório, mas como administrador, tendo em vista o bem comum, inclusive o das futuras gerações. Os objetivos de Peter Singer podem ser alcançados sem destronar o homem de seu posto privilegiado de referência para qualquer ética razoável, ainda que assinando limites severos para sua atuação. “Viver uma vida ética” significa conduzir-se, por esclarecida opção pessoal, de acordo com a lei da moralidade, que rege todos os homens e tudo o que neles é humano (vale dizer, consciente e livre), na tríplice dimensão da pessoa consigo mesma (ética individual), com os outros (ética social), e com o Todo Outro (religião). O trato correto com a natureza, nela incluídos os animais, faz parte de todas as mencionadas dimensões da moralidade, pois tem a ver com o bem de cada ser humano (considerado individual ou socialmente) e o respeito devido à Criação que, toda ela, nas respectivas partes e em seu conjunto, narra a glória de Deus, como ensina o salmista .

IHU On Line- Além dos temas tratados acima, algum ponto a destacar sobre Peter Singer e sua postura intelectual?

Álvaro Valls- Na imensa contribuição que Peter Singer tem dado à ética e à bioética, convém ressaltar as suas reflexões sobre a desigualdade econômica entre os humanos. Como o seu enfoque filosófico parte da pergunta “o que há de errado em matar”, depois de analisar a questão da vida pré-natal, infantil, senil, deficiente e animal não humana, nosso autor questiona a pobreza extrema que caracteriza países inteiros de nossa atualidade e pergunta se deixar que morram não seria a mesma coisa que matar. Ele percebe que ignorar os africanos famintos não é exatamente a mesma coisa que comprar uma espingarda e ir à África matar crianças. Mas ele se pergunta, como bom “consequencialista” que é, se para as vítimas não dá no mesmo, se o resultado não é igual, para os que estão morrendo. - E aí retorna a questão da eutanásia: quanta gente que se horroriza com a hipótese de deixar morrer aquele que já considera ter vivido o suficiente e está pedindo a Deus “que agora deixe partir seu servo”, finge não ver que milhões de seres humanos estão hoje morrendo de fome e não querem morrer, querem viver, mesmo que seja uma vida “severina”! Chega a ser ridículo comparar a proposta do “dízimo” de Singer com uma argumentação do tipo “ladeira escorregadia” da parte dos professores da universidade jesuíta de Georgetown, Beauchamp e Childress. Esses autores, supostamente cristãos, escrevem que não há nenhuma obrigação ética de ajudar os pobres, porque iríamos à falência, já que os pobres são tantos. Mas será que nossos filhos estão mesmo morrendo de fome, para não podermos dar nem dez por cento, nem mesmo um por cento a instituições sérias que conhecemos? Os países ricos não dão nem meio por cento como ajuda internacional, embora apreciem tanto a Bíblia, onde João Batista pregava uns cinquenta por cento, ao dizer que “quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem”. Singer sugere que guardar para si e para sua família noventa por cento daquilo que se ganha ainda é e sempre será o bastante, e que os dez por cento que colocamos à disposição daqueles que estão ameaçados de morrer de fome farão uma enorme diferença (de vida ou morte). Mas há gente que prefere combater a miséria com a polícia, e por isso estamos onde estamos. - Peter Singer está “fazendo o seu comercial”, agora que vem ao Brasil para participar do Sexto Congresso Mundial de Bioética, em Brasília, no início de novembro, que, não por acaso, tem como

tema central a injustiça, um tema central de qualquer bioética feita na América Latina.

Lucilda Selli- É difícil concordar e também simplesmente discordar das idéias de Peter Singer. Uma posição pessoal sobre a filosofia do autor exige, de minha parte, um estudo muito mais aprofundado sobre seus argumentos éticos que justificam seus pontos de vista. As posições do autor, embora sejam bastante instigantes, pois nos levam a refletir sobre nossas posições no campo da ética, possuem seus méritos; são, por isso mesmo, aprovadas por alguns e rejeitadas por outros bioeticistas e pensadores de áreas afins. Seu pensamento tem estimulado novas reflexões e idéias sobre temas como o aborto, a eutanásia, a vida em geral, que, em outros tempos, seriam inimagináveis. A questão, para mim, não se resume em concordar ou discordar das idéias do autor, mas em refletir em profundidade sobre as implicações das mesmas no relacionamento moral entre os membros de uma dada coletividade. Uma coisa é teorizar, outra é agir. Peter Singer, com suas posições no campo da ética, põe em discussão valores tradicionais que herdamos da civilização ocidental. Mais do que isso, modifica a hierarquia comumente aceita entre os mesmos.

Roque Junges- Gostaria de acrescentar dois comentários sobre o utilitarismo de Singer. Onde mais se manifesta a falta de radicalidade de sua posição é, quando ele fala dos pobres do terceiro mundo que deverão ser ajudados pelo dinheiro dos ricos. Um leitor desavisado ficará impressionado com a caridade de Singer. Mas os pobres não querem ser objeto da beneficência utilitarista dos ricos. Querem isso sim uma mudança radical das estruturas sócio-econômicas e não assistencialismo. Para Singer a base da ética é não provocar dor nos animais. Trata-se de uma fundamentação utilitarista da ética que avalia os atos segundo a produção de conseqüências de prazer ou de dor. Esse argumento é perigoso, porque com a engenharia genética será possível desligar o gen que produz a dor, então não existiria mais problema. Por isso, é necessário buscar um embasamento mais radical no paradigma ecológico para repensar a questão ética dos animais.

José Nedel- Um dos méritos de Peter Singer é provocar, através de impactantes desafios que lança à cultura tradicional, a discussão de questões prementes da atualidade na esfera de competência da bioética, cujo estatuto é interdisciplinar e de vasto alcance. As posições desafiadoras obrigam os teóricos - cientistas, filósofos, teólogos - a burilar seus conceitos e a fundamentar suas teses racional e convincentemente, de sorte que, prevalecendo sempre, ao longo do tempo, o melhor argumento, como deseja a tão decantada “Ética do Discurso”, se alcance um saber autêntico e um consenso acerca de um núcleo mínimo de direitos humanos, nesta área hoje tão tumultuada, para o benefício efetivo na vida das pessoas e, por reflexo, de toda a humanidade.

Congresso Inaciano de Educação

Onze professores e professoras da Unisinos participaram do 3º Congresso Inaciano de Educação, entre 28 a 31 de julho, em São Paulo, cujo tema foi *Educação e transformação social: por uma pedagogia da esperança*. Participaram: Prof. Dr. José Ivo Follmann, Profª. Drª. Cecília Irene Osowski, Profª Ms. Lia Becker, Profª. Drª Marita Redin, Profª Stela Meneghel, Profª Ms Vera Regina Schmitz, P. Mário Sünderman, Maria Elena Pastorino, Prof. Carlos Alberto Jahn, Profª Drª Brasília Rosson e Prof. Ms Gilberto Faggion. O Congresso foi uma promoção da Conferência Regional de Provinciais Jesuítas do Brasil (CRPJB), organizado pelo Grupo de Reflexão Pedagógica Inaciana (GREPI). Participaram 350 educadores de 16 colégios e 7 instituições de ensino superior jesuítas, do Brasil, Chile, Paraguai e Peru e de outras quatro congregações religiosas.

As conferências e a mesa redonda abordaram o tema da educação sob o prisma da Pedagogia Inaciana, ressaltando suas possibilidades e limites. A conferência de abertura, *Educação e transformação social: por uma pedagogia da esperança*, foi proferida pelo Prof. Dr. Pablo Gentili. Pablo é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, onde coordena o Observatório Latino-americano de Políticas Educacionais. Seu último livro é *Educar na esperança em tempos de desencanto* (Vozes, 2001).

A mesa redonda: *Outros olhares sobre a pedagogia inaciana* foi apresentada pela Profª Drª. Sonia Kramer, pelo Prof. Dr. Marcos Silva e pelo P. Dr. Francisco Ivern, SJ. Sonia Kramer é professora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica - RJ. P. Francisco Ivern, SJ, é o Presidente da Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina (CPAL) e Coordena o Setor Leigos, Juventude e Voluntariado. Marco Silva é sociólogo, mestre e doutor em educação. Professor da UERJ e da USU, desenvolve pesquisa sobre a interatividade aplicada ao ensino presencial e a distância com desdobramentos nos campos da sociedade, da arte, do mercado e das tecnologias digitais. A Conferência de encerramento do Congresso foi *Educación y cambio social. Para una pedagogia de la esperanza*, proferida pelo P. Jesus Montero Tirado, do Paraguai, cujo texto estará disponível pelas Edições Loyola.

Ao longo do congresso, houve o lançamento de três livros: *Educação e Mudança Social*, organizado pela Profª Drª Cecilia Osowski (Unisinos), com sete dos trabalhos apresentados no congresso; *Carta de Santo Inácio a um educador de hoje*, escrito pela Profª Andrea Cecilia Ramal; *Sujeitos pesquisadores*, narrando a experiência dos professores do Colégio Medianeira, de Curitiba. Além dos livros, foi lançado o CD *Rom Educar para Transformar-Paradigma Pedagógico Ignaciano*, elaborado pela Profª Andrea Ramal e a empresa ComSut, do Rio de Janeiro.



Ecos do evento

“Diria que, no geral, foi positivo participar e conhecer tão diferentes experiências educativas dos jesuítas, tanto no Brasil quanto no Chile, Peru e Paraguai; poder fazer um exame de consciência sobre nossas práticas de sala de aula e tentar incorporar elementos exitosos. Nas discussões no auditório, por um lado, ficou claro que a Pedagogia Inaciana precisa ser mais fundamentada teoricamente. Por outro lado, que ela contém "germes" que podem complementar outras práticas educativas em uso em tempos nos quais a educação foi posta em xeque pela emergência de "n" desafios. Fica a questão: Como a educação pode ser inspiradora de uma sociedade com mudanças sociais?
Prof. Carlos Alberto Jahn, Centro de Ciências da Comunicação.

“Gostei muito. Foi um momento de muita integração. Organizamo-nos e trabalhamos bastante. Da Unisinos foi uma equipe interdisciplinar muito interessante. Houve um intercâmbio muito rico. As palestras e reflexões trouxeram conhecimento de ponta e propostas críticas do ensino, capazes de abrir novos horizontes, novas visões. Eu participei de duas oficinas. A primeira, chamada *parceiros do bem*, que mostrou a repercussão social de uma experiência de professores e alunos voluntários que pode ser bem aplicável à realidade daqui. A segunda, era sobre *a utilização da literatura para a transformação do ser humano*. Encontrei muitas coisas aproveitáveis nessa oficina. Nós estamos criando um projeto com alunos de psicologia para formar contadores de histórias, que é semelhante a esse, e essa oficina me deu novas idéias. Agora é arregaçar as mangas e trabalhar”.

Profª. Drª. Stela Nazareth Meneghel/ Centro de Ciências da Saúde.

Eventos IHU

HOMENAGEM A LUTZENBERGER

UM DEBATE EM MEMÓRIA DE JOSÉ LUTZENBERGER

No dia 8 de agosto, será realizado o painel *Rio+10: Um debate em memória de José Lutzenberger*. Serão painelistas: **Jacques Saldanha**, advogado, agrônomo e educador ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Porto Alegre; **Magda Renner**, graduada em Línguas Anglo-Germânicas e Didática (UFRGS) e membro do Núcleo dos Amigos da Terra; **Roberto Villar Belmonte**, jornalista e assessor de comunicação do *Programa Pró-Guaíba*; Prof. Ms. **João F. Larocca e Silva**, biólogo e professor do Centro 2. A Coordenação do painel será feita pelo Prof. Dr. **Inácio Neutzling**, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos.

ARTIGO DA SEMANA

SALVAR O PLANETA POR IGNÁCIO RAMONET

Traduzimos e publicamos, na íntegra, o editorial do *Le Monde Diplomatique*, mês de agosto, elaborado pelo seu diretor, Ignacio Ramonet, com o título *Salvar o planeta*, Por Ignacio Ramonet

Johannesburgo, na África do Sul, acolhe, de 26 de agosto a 4 de setembro, a Cúpula Mundial sobre o desenvolvimento sustentável.

É um evento capital que reunirá o maior número de chefes de Estado e de governo nos últimos dez anos e, aproximadamente, 60 mil participantes de mais de 180 países. Todos juntos, eles vão tentar responder às graves questões que dizem respeito à humanidade inteira: Como preservar o ambiente? Como erradicar a pobreza? Como salvar nosso planeta? Pois a Terra vai mal, muito mal. O diagnóstico sobre os principais males que a afetam foi feito, em 1992, no Rio de Janeiro (Brasil), na primeira Cúpula da Terra. O som de alarme foi, lá, acionado: o clima se aquece, a água doce escasseia, as florestas desaparecem, dezenas de espécies estão em vias de extinção, a pobreza total assola mais de um bilhão de seres humanos...

Os dirigentes do mundo, então, tinham admitido que “a causa principal da degradação contínua do ambiente mundial é um esquema de consumo e de produção não viável, principalmente nos países industrializados, o que é extremamente preocupante, na medida em que ele agrava a pobreza e os desequilíbrios”. Eles adotaram duas convenções decisivas sobre as mudanças climáticas e a biodiversidade, como também um plano – chamado de Agenda 21 – para generalizar o desenvolvimento durável. Este repousa sobre uma idéia simples: o desenvolvimento é durável, se as gerações futuras herdarem um ambiente cuja qualidade é, ao menos, igual àquela que receberam as gerações precedentes (1). Este desenvolvimento supõe a aplicação de três princípios: o princípio da precaução, que favorece uma aproximação preventiva, antes que reparadora; o princípio da solidariedade entre as gerações atuais e futuras e entre todas as populações do mundo; o princípio de participação do conjunto dos atores sociais nos mecanismos de decisão (2).

Dez anos mais tarde, em numerosos domínios, as coisas não melhoraram. Pelo contrário. Com a aceleração da mundialização liberal, o "esquema de consumo e de produção não viável" se reforçou. As desigualdades atingiram níveis jamais conhecidos desde o tempo dos faraós. A riqueza das três pessoas mais ricas do mundo ultrapassa a riqueza acumulada dos habitantes dos 48 países mais pobres... O lixo do mundo rico jogado na biosfera igualmente aumentou. Enquanto os trinta países mais desenvolvidos representam 20% da população mundial, eles produzem e consomem 85% dos produtos químicos sintéticos, 80% da energia não renovável, 40% da água potável. E suas emissões de gases com efeito estufa por habitante, comparadas com as dos habitantes do Sul, são dez vezes mais elevadas (3).

No curso da última década, a emissão de gás carbônico (CO₂), causa principal do aquecimento climático, aumentou em 9% por ano. A emissão dos EUA, maior poluidor do planeta, cresceu, durante o mesmo período, 18%! Mais de um

bilhão de pessoas continuam a não dispor de água potável, e, aproximadamente, três bilhões (a metade da humanidade) consomem água da pior qualidade. Por causa da ingestão desta água poluída, 30 mil pessoas morrem diariamente. Ou seja, mais de dez vezes – cada dia! – o número das vítimas dos odiosos atentados do dia 11 de setembro de 2001...

As florestas continuam a ser devastadas. Dezessete milhões de hectares desaparecem cada ano – quatro vezes o tamanho da Suíça. E como as árvores não estão mais lá para absorver os excedentes de CO₂, o efeito estufa e o aquecimento se agravam. Mais ainda, cada ano, aproximadamente 6 mil espécies são exterminadas. Uma extinção massiva ameaça 13% dos pássaros, 25% dos mamíferos, 34% dos peixes. Trata-se de uma ameaça desconhecida desde o desaparecimento dos dinossauros...

Daí a imensa esperança que emerge da Cúpula de Johannesburgo, mas que pode vir a ser uma grande decepção, se os ganhadores forem os egoísmos nacionais, a lógica produtivista, o espírito mercantil e a lei do lucro. Este foi o caso, em junho último, em Bali, quando da conferência preparatória, que não conseguiu adotar um plano de ação para o desenvolvimento durável e se constituiu num fracasso.

Para salvar o planeta, é indispensável que os poderosos deste mundo adotem, em Johannesburgo, ao menos sete decisões capitais:

- 1.- um programa internacional em favor das energias renováveis, centrado sobre o acesso à energia nos países do Sul;
- 2.- os compromissos em favor do acesso à água, visando a reduzir pela metade, até o ano 2015, o número de pessoas privadas desta fonte vital, que é um bem comum da humanidade;
- 3.- as medidas para proteger as florestas, como previsto pela convenção sobre a biodiversidade, adotada no Rio de Janeiro em 1992;
- 4.- as resoluções, no sentido de elaborar um quadro jurídico, instituindo a responsabilidade ecológica das empresas e reafirmando o princípio da precaução como prévia a toda atividade comercial;
- 5.- as iniciativas para subordinar as regras da Organização Mundial do Comércio – OMC – aos princípios das Nações Unidas sobre a proteção dos ecossistemas e às normas da Organização Internacional do Trabalho – OIT;
- 6.- os regulamentos para exigir dos países desenvolvidos que eles se comprometam a dedicar um mínimo de 0,7% da sua riqueza para a ajuda pública ao desenvolvimento;
- 7.- as recomendações imperativas, enfim, para anular a dívida pública dos países pobres.

Destruindo o mundo natural, os homens têm tornado a Terra cada vez menos vivível. Esta Cúpula deve inverter as tendências que podem, inelutavelmente, conduzir à catástrofe ecológica integral. Este é o maior desafio deste início do século XXI. Caso contrário, o gênero humano será ameaçado de extinção”.

PENSAMENTO ECOLÓGICO DE JOSÉ LUTZENBERGER

UMA HOMENAGEM AO GRANDE E INESQUECÍVEL JOSÉ LUTZENBERGER.

Os textos, a seguir, foram selecionados com o objetivo de permitir um

contato com o pensamento ecológico do Prof. José Lutzenberger. Este ecólogo gaúcho produziu idéias que em muito se aproximam das propostas da Ecologia Profunda do filósofo norueguês Arne Naess. Os textos, produzidos nas décadas de 1970 e 1980, expressam a posição do autor em diferentes áreas que podem auxiliar na reflexão dos aspectos éticos associados às questões ambientais.

CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS

"Só uma visão sistêmica, unitária e sinfônica poderá nos aproximar de uma compreensão do que é nosso maravilhoso planeta vivo."(p.93, texto original de 1986)

REVERÊNCIA PELA VIDA

"Só o cego intelectual, o imediatista, não se maravilha diante desta multiesplendorosa sinfonia, não se dá conta de que toda agressão a ela é uma agressão a nós mesmos, pois dela somos apenas parte. A contemplação o inimaginavelmente longo espaço de tempo que foi necessário para a elaboração da partitura e o que resta de tempo pela frente para um desdobramento ainda maior do espetáculo até que se apague o Sol só pode levar ao êxtase e à humildade. Assim, o grande Albert Schweitzer enunciou como princípio básico de Ética 'o princípio fundamental da reverência pela Vida em todas as suas formas e manifestações!' Se há um pecado grave, esse é frear a Vida em seu desdobramento, eliminar espécies irremediavelmente, arrasar paisagens, matar oceanos." (p.85, texto original da década de 1970)

TECNOLOGIAS DURAS E BRANDAS

"Ao contrário do que acontece com as tecnologias duras, que hoje arrasam o planeta porque, ao resolverem um problema, sempre causam uma constelação de outros, as tecnologias brandas sempre resolvem vários problemas ao mesmo tempo. Um exemplo apenas: hoje um pequeno matadouro é violento poluidor orgânico do curso d'água mais próximo. Se usasse os detritos em bioconversão adequada, teria gás para um motor estacionário ou para caldeiras (diminuição de demanda de eletricidade), produziria adubo para todo um esquema da hortas ou pomares orgânicos ao seu redor (produção de alimentos de alto teor biológico) e não mais largaria material orgânico no rio (não controle da poluição, sempre ineficaz, mas eliminação pura e simples da poluição). As tecnologias brandas, que podemos chamar de tecnologias apropriadas, podem e devem entrosar-se em sistemas integrados." (p.61, texto original da década de 1970)

AMBIENTE NATURAL

"A visão cartesiana que ainda domina grande parte do pensamento científico atual coloca-nos como observadores externos da Natureza. Daí o conceito de 'ambiente natural'. O ambiente é visto como algo externo a

nós, no qual estamos total e umbilicalmente imersos, é verdade, mas que não faz parte de nosso ser - uma dicotomia bem clara." (p.87, texto original de 1986)

PESQUISAS EM ANIMAIS

"A Vida jamais poderá ser compreendida nos termos que queria Descartes que, nos seres vivos, com exceção dos Humanos, via simples máquinas, relógios ou autômatos; robôs, como diríamos hoje. Mas esta visão ainda está bem viva, muito viva, por exemplo, nos laboratórios de toxicologia da indústria química, que submete milhões de criaturas indefesas - macacos, cachorros, gatos, ratos, proquinhas-da-índia e outros - por ela simplesmente classificados de 'cobaias', a torturas indescritíveis para, que em enfoque ridiculamente bitolado, estabelecer, entre outras abstrações indecentes, a 'dose diária admissível' dos venenos com que fazem seus grandes negócios. Esta visão, é triste dizê-lo, é comum em muito curso e aula de biologia, e nas modernas fábricas de carnes e ovos, eufemisticamente chamadas de 'criação confinada' e 'aviários'." (p.93, texto original de 1986)

BIOLOGIA MOLECULAR

"Quando observo o trabalho dos biólogos moleculares, que se aprofundam sempre mais na dança das macromoléculas dos genes nos cromossomos, sem ligar para o organismo como um todo, me vem a imagem de alguém que, querendo conhecer e compreender os magníficos sistemas ferroviários europeus, por exemplo a Bundesbahn na Alemanha, se limitasse a estudar, com o microscópio, as letras nas tabelas dos grossos manuais de horários dos trens, e que passasse a vida fazendo nada mais que isso.

Não deixa de ser muito interessante o que toda esta gente descobre e cataloga e, por isso, esses trabalhos são muito importantes; mas, desvinculados da visão do todo, nenhuma orientação ética nos proporcionam. Aliás, é dogma corrente em círculos científicos modernos que a ciência nada tem a ver com valores, com ética, com política, com religião." (p.94, texto original de 1986).

Lutzenberger J. Gaia, o planeta vivo. Porto Alegre: L&PM, 1990.

Fonte: <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/lutz.htm>

Responsável: Berenice Gehlen Adams

O *IHU Idéias* acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103. Excepcionalmente, haverá um *IHU Idéias* especial na quarta-feira, dia 7/8.

RIO+10

No dia 1º de agosto, Aldem Bourscheit apresentou o tema *O impasse globalizado: a Rio+10 em Johannesburgo*. Durante sua exposição, Aldem fez uma percorrida histórica pelas três grandes cúpulas mundiais de desenvolvimento sustentável, além de outros momentos importantes de discussão do assunto. Para abrir o debate, o jornalista levantou idéias de um impasse atual, um momento no qual foram feitos muitos acordos, subsídios, meios, informações, mas que não conseguem ser implementados.



Ecos do evento

“Aldem elaborou muito bem uma retrospectiva que deu mais sentido ao momento que estamos vivendo. Ele redespertou uma alerta para nossos problemas ambientais. Foi uma ótima contribuição a um problema ainda sem solução”.

Prof. Dr. Benno Dischinger Centro de Ciências Humanas

“Achei muito bom o trabalho dele. Acho que interpela e questiona muito bem como fazer com que a reflexão ambiental se torne prática”.

Ana Lécia de Oliveira/ Estudante de Jornalismo.

“É a primeira vez que participo. Fiquei sabendo pelo site da UNISINOS. Achei muito interessante. Fico impressionada. Vivemos numa sociedade que só se importa com o consumo e não pensa nem um pouquinho mais longe: se vão esgotar esses recursos naturais”.

Letícia Pedroso/ Estudante de Biologia.

7 DE AGOSTO

A profª Sinara Robin será a palestrante, juntamente com os/as acadêmicos/as que estiveram trabalhando no sertão sergipano, no mês de julho, do *IHU Idéias* especial, do dia 7 de agosto, e abordará o tema *Projeto UNISOL XINGÓ*. Sinara, junto com dez estudantes da UNISINOS estiveram em Monte Alegre, Sergipe, entre os dias 8 e 30 de julho realizando o projeto. A continuação, uma entrevista com a prof. Sinara.

IHU On-Line- Qual a realidade com a qual o grupo se deparou?

Sinara Robim- Todos os municípios do Baixo São Francisco estão muito empobrecidos e poderíamos colocar muitas situações desagradáveis provocadas pela construção da Hidrelétrica de Xingó. A

irrigação, que não chega até a maioria dos municípios. A total interrupção dos processos da fauna e da flora, estando em mínimas condições de retomada do fluxo. A imponência e supremacia do homem e a sua capacidade de transformar e domesticar a natureza é visivelmente observada. Em contrapartida, são visíveis as decorrências e os drama. Geograficamente, o semi-árido é semi-árido e tem condições de sobreviver enquanto tal, porém as condições de exploração dos recursos naturais, em relação ao contingente populacional, tornam muito preocupante a continuidade da vida em condições dignas. (em relação às exigências da sociedade moderna contemporânea)

IHU On-Line- Como descreverias o encontro entre dois mundos tão diferentes como é o acadêmico-universitário e a realidade do Sergipe?

Sinara Robim- O grande charme da Extensão Universitária é este: colocar os estudantes diante de realidades adversas para que eles possam tomar as decisões do que fazer, como proceder, como utilizar seus conhecimentos, trabalhar a autonomia como indivíduos e como profissionais (de desse para fazer esta separação). A Extensão Universitária, enquanto ação transformadora das relações com a sociedade, coloca em xeque, no meu entender, a cada projeto, o próprio conhecimento produzido pela universidade, pois o diálogo é intenso, sem mediações e o retorno é, para as pessoas envolvidas, imediato. É encantador praticar a extensão universitária justamente porque ela necessita de tempos de aproximação, acolhimento, observação e escuta, indagação, diálogo e realização. As relações se dão nas dimensões técnicas, acadêmicas e da sensibilidade humana. Na minha opinião tudo isso é muito intenso põe à prova o que somos e o que aprendemos.

IHU On-Line- Como os alunos vivenciam essa experiência durante e depois da ida a Sergipe?

Sinara Robim- Os estudantes que se dispõem a um trabalho desta natureza são muito especiais. Esta equipe em especial pois se propuseram ao delicioso e doloroso exercício da convivência, do viver com, do estar junto com a comunidade montealegrense se misturando em seu cotidiano, escutando e dialogando com a sabedoria daquele que convive com o semi árido, que tem esta sabedoria (que nós nem conseguimos imaginar como seja). Durante o trabalho observei o quanto é necessário tempo, paciência para que o exercício de "sair da casca" se complete. E... quando parece que finalmente parece estar acontecendo, está na hora de refazer as malas e voltar para casa. O que fazer com tudo isso, com o coração que está repleto de afetos, com o corpo que viveu outras sensações de clima, de cheiros, de sabores, com a alma que foi sacudida com exorbitante beleza? O que pensar sobre um Brasil que acabou de ser "descoberto"? Para mim o que há de mais bonito nisso tudo é o que a convivência nos proporciona: reconhecer a humanidade do outro significa descobri-la em nós mesmos.

IHU On-Line- Qual é a tua avaliação pessoal do Projeto?

Sinara Robim- Confesso que ainda estou muito emocionada e com saudade, com tudo que vi, que conversei. Para uma avaliação consistente

tenho que elaborar mais o estranhamento e me distanciar mais. Contudo, posso falar desde o Módulo Especial UniSol-Xingó, que agora conheço um pouco mais: Ele tem a proposta de, além de fazer ações sócio-educativas, junto com os outros parceiros (Sebrae, Instituto Xingó, Chesf...), oportunizar situações para criação de trabalho e renda na ótica do "desenvolvimento integral e sustentável". Digamos que com a participação de Ongs, Instituições de Ensino Superior (IES), e todos os parceiros, têm-se uma grande capacidade conceitual para atuação na região. Minha crítica vai no sentido da lógica de operacionalização destes conceitos que ora tendem a substituir a ação do Estado, vindo na cooperação e na "economia solidária" a saída para todos os males, e ainda dentro desta perspectiva atuam dentro de uma perspectiva de humanização da lógica do capital travestindo isso de sustentabilidade. É bem complicado. Na minha opinião, as IES devem atuar em rede e na perspectiva da região e não nos municípios nos quais desenvolvem as ações sócio-educativas, para tornar este projeto profícuo - ou seja - comunidade e universidade partilhando os frutos do encontro de saberes.

8 DE AGOSTO

No dia 8, o assunto do IHU Idéias será *Preservação ambiental na bacia do Camaquã - Ciência e relações humanas*, com o prof. Henrique Carlos Fensterseifer - UNISINOS. Henrique é graduado em História Natural pela UNISINOS, mestre em Geociências, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e doutor em Área de Planejamento e Gestão Ambiental, pela Universidade de Léon, U.L., Espanha. Ele é coordenador de diversos projetos na Universidade, como o Projeto Antártica Unisinos; do Projeto Caracterização, Diagnóstico e Planejamento Ambiental da Bacia de Drenagem do rio Camaquã, RS e do Projeto Planejamento e Gestão Ambiental de Áreas com Características Ambientais Especiais da Bacia do Rio Camaquã, RS.

SOBRE O PROJETO CAMAQUÃ

O objetivo básico desta pesquisa consiste na definição de métodos e estratégias de planejamento e gestão ambiental integrada para implantar Unidades de Conservação em duas “**Áreas de Especial Interesse Ambiental**”, localizadas no Baixo Camaquã, RS, através de um convênio firmado entre o Programa Pró-Mar de Dentro, da Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul, e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos. As duas áreas localizam-se, em parte, no denominado Parque do Camaquã, criado por legislação estadual, em 1975, porém nunca delimitado ou implantado. Integram-se a este projeto instituições federais (IBAMA, FUNAI), estaduais (FEPAM, Conselho Estadual de Povos Indígenas) municipais (Conselho Intermunicipal de Defesa do Rio Camaquã) e entidades representativas de classe (Associação dos Usuários de Arroio Duro). Participam também, as comunidades das vilas de Pacheca e Santo Antônio, do Município de Camaquã, bem como a população indígena da Reserva Indígena da Pacheca para planejar, encontrar meios metodológicos, estabelecer mecanismos e processos para o manejo participativo e gestão integrada dessas áreas de especial interesse ambiental, dentro dos princípios de sustentabilidade.

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos juntamente com o Programa Pró-Mar de Dentro tem a responsabilidade de coordenar este programa de pesquisa que visa, através da análise e diagnóstico dos cenários físico, biótico e antrópico, promover o planejamento e a gestão ambiental integrada, das duas áreas de especial interesse ambiental mencionadas, as quais constituem um dos mais importantes acervos da biodiversidade do Estado do Rio Grande do Sul.

O Baixo Camaquã, especificamente as áreas “Delta do Camaquã” e “Matas e Banhados da Pacheca” constituem marcos e expoentes no cenário ambiental do Estado, merecedoras de urgentes medidas de proteção, preservação e manejo adequado de utilização. Alguns aspectos destacam esta região:

- a foz do Camaquã forma o único delta lagunar do país – os deltas constituem ambientes extremamente diversificados em relação aos seus aspectos físicos e biológicos, sendo sede de ecossistemas ímpares;
- as duas áreas mostram uma das maiores extensões da floresta estacional semidecidual do tipo aluvial (mata atlântica) remanescente no Estado do Rio Grande do Sul – atualmente ameaçada pela orizicultura;
- a fauna, é extraordinariamente rica, quantitativa e qualitativamente – ameaçada pela caça, pesca, destruição dos ecossistemas e utilização de agrotóxicos;
- o cenário físico (o rio Camaquã e afluentes, a planície de inundação, os canais abandonados, o sistema deltáico e a laguna dos Patos adjacente), o cenário biótico (diversidade da fauna e flora), o cenário sócio-econômico (ocupação das várzeas, orizicultura, distribuição fundiária, emprego, saúde pública, turismo, infra-estrutura e urbanização das vilas da Pacheca e Santo Antônio) e os aspectos históricos e culturais (migração populacional, marcos históricos e educação) precisam ser melhor conhecidos para empreender uma efetiva proteção, preservação e manejo dessas duas áreas;
- entre as duas áreas de especial interesse ambiental foi criada recentemente a Reserva Indígena de Pacheca – a sua implantação interfere no planejamento e manejo ambiental da região;
- parte da área está inserida no denominado Parque do Camaquã, criado pelo Decreto Estadual n.º 23.798 de 12/03/75, porém nunca implantado.

Este programa de pesquisas representa uma continuação e um detalhamento setorial dos projetos “Caracterização, Diagnóstico e Planejamento da Bacia de Drenagem do Camaquã” (PADCT/FINEP n.º 66.93.02117-00) e “Planejamento e Gestão ambiental na bacia do rio Camaquã” (PADCT/FINET n.º 77.97.1115-00). Apresenta características interdisciplinares, tem atuação interdepartamental e intercentros; reforça as atividades de pesquisa integrada na área ambiental e realça uma das metas principais da universidade, a sua presença e participação na solução de questões sociais.

OBJETIVOS E RESULTADOS ESPERADOS

Dentre os principais objetivos a serem atingidos através deste programa de pesquisa destacam-se:

- definir com precisão os **limites geográficos** das duas áreas de especial interesse ambiental “Delta do Camaquã” e “Matas e Banhados da Pacheca”- fundamentado em critérios físicos, bióticos, sócio-econômico-culturais relevantes, marcos geográficos e históricos e no sistema de disposição de propriedade;
- identificar os **limites e questões jurídico-legais** do Parque do Camaquã, criado pelo Decreto Estadual n.º 23.798 de 12 de março de 1975, porém não implantado até o momento;
- complementar as **informações do cenário físico, biótico e sócio-econômico-cultural** das áreas em questão para demonstrar a sua importância ambiental e a necessidade de enquadrá-las formal e legalmente em unidades de conservação;

- efetuar um levantamento, juntamente com EMATER, IRGA e Prefeituras Municipais, da **situação sócio-econômica das propriedades** que abrangem as duas áreas de especial interesse ambiental;
- avaliar o **uso das águas do rio Camaquã e afluentes**, especialmente na irrigação do arroz, dentro dos limites das unidades de conservação previstas especialmente do Arroio Duro;
- identificar a **situação jurídica e legal das terras** inseridas no contexto geográfico desses setores de interesse ambiental, através da pesquisa nas prefeituras, bibliotecas e registro de imóveis das cidades de Camaquã e São Lourenço do Sul;
- fomentar a **conscientização da população das comunidades da Ilha Santo Antônio e Pacheca**, assim como dos **pecuaristas e proprietários das fazendas** produtoras de arroz, em relação à criação de unidades de conservação, da necessidade de preservação e gestão das mesmas, bem como da participação da população na administração e controle das áreas de especial interesse ambiental;
- elaborar um **Caderno de Educação Ambiental**, vídeo e CD, enfocando as questões ambientais da região e as formas e processos de participação da população na implantação e gestão das unidades de conservação;
- integrar a **população indígena** da Reserva Indígena de Pacheca no processo de gestão das duas áreas de especial interesse ambiental; buscar meios e formas para promover a participação efetiva da população indígena, respeitando as suas características culturais e opiniões; avaliar conjuntamente os processos de preservação e recuperação da fauna e flora dessas áreas e promover encontros com outros grupos indígenas;
- efetuar um **acompanhamento jurídico-legal** de todas as etapas e implantação das unidades de conservação, especialmente aquelas relacionadas com o núcleo populacional da Ilha Santo Antônio e Vila da Pacheca, assim como as decorrentes da possível desapropriação de terras, por parte do Governo Estadual, para a implantação das áreas de preservação permanente ou integral;
- desenvolver **novas técnicas e tecnologias**, mais eficientes, de menor custo e de aplicação e resultados mais rápidos para levantamentos físicos e bióticos em áreas de interesse ambiental, tais como a delimitação e ordenação territorial, cobertura e uso dos solos, zoneamento ambiental e caracterização das associações fitogeográficas através do uso integrado de imagens de satélite, imagens digitais e fotografias aéreas coloridas, baseado em sistemas geográficos de informação.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE ALCA

O comitê sobre a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) do IHU está promovendo, como já foi informado no *IHU On-Line*, um *Ciclo de Estudos* sobre a participação do Brasil na ALCA. Confira a seguir dias, locais e palestras.

DATA	TURNO	AUDITÓRIO	TEMA	PALESTRANTE
12/08 segunda- feira	Noite 19h45min -22h	Central - C.1	ALCA e o papel do Estado	- Olívio Dutra - Ielbo Marcus Lobo

				de Souza – C.4
13/08 terça- feira	Manhã 8h45min - 11h	Central - C.1	ALCA e direitos humanos	- Luis Goulart - Rodrigo Stumpf Gonzalez -C.4
14/08 quarta- feira	Manhã 8h45min - 11h	Sérgio Gomes - C.6	ALCA, meio ambiente e desenvolvimento sustentável	- Magda Renner - Heraldo Campos - C.6 - Demétrio Luis Guadagnin - C.2
14/08 quarta- feira	Noite 19h45min -22h	Sérgio Gomes C.6	ALCA, tecnologias e dependências	- Renato de Oliveira – Secretário de Ciência e Tecnologia - Heloisa Jochims Reichel – PPGH - Renato Saul – PPGCSA
15/08 quinta- feira	Noite 19h45min -22h	Centro 3	ALCA, mídia, informação e cidadania	- Daniel Herz - Valério Brittos - C.3 - Alberto Efendy Maldonado - C.3
16/08 sexta- feira	Noite 19h45min -22h	Centro 4	ALCA e processos de integração e comércio	- Francisco Milanez - ECOFUND - Álvaro Garcia - C.5 - Elaine Ramos da Silva - C.4
22/08 quinta- feira	Noite 19h45min -22h	Anfiteatro Pe. Werner	O plebiscito, eleições presidenciais e a ALCA	Inácio Neutzling Milton Viário (coord.regional do Movimento contra ALCA)

PLEBISCITO

O plebiscito sobre ALCA será realizado, na UNISINOS, na semana do dia 1º a 7 de setembro. Será coordenado pelo DCE que projeta uma participação 15 mil alunos. Para mobilizar e informar os estudantes da universidade, os integrantes do DCE visitarão todas as salas de aula a partir desta semana. Além disso, produzirão adesivos e bolsas com a legenda *Tô na luta contra ALCA* e um folder abordando as consequências da ALCA no âmbito da educação. Durante toda semana do Plebiscito haverá urnas nos seis Centros da Universidade.

FRASES DA SEMANA

O Brasil e o FMI

"O BC está simplesmente queimando as reservas. Nós sabemos que, no fim, não tem nada para fazer. Não é suficiente. Não há mais dúvida. O BC precisa desesperadamente de uma ajuda do Fundo Monetário Internacional. De-ses-pe-ra-da-men-te. Separando bem as sílabas. É uma coisa trágica, porque vamos ao FMI de quatro em quatro anos. Terminamos o primeiro mandato (de FHC) correndo ao FMI. Estamos correndo ao FMI no fim do segundo mandato." - Delfim Netto, economista e deputado federal, respondendo às perguntas de Paulo Henrique Amorim no *UOL News*, 30-07-02.

"Bush não ama nem samba nem o tango" – manchete do jornal italiano *Il Corriere della Sera*, 2-8-02, analisando a indiferença dos EUA frente à crise econômica da América Latina.

Era FHC: Duas situações de insolvência

"A verdade é que o Brasil foi levado duas vezes a uma situação de insolvência pelo governo Fernando Henrique. A primeira foi em 98, quando o governo correu para o Fundo e conseguiu o empréstimo de US\$ 41 bilhões. Agora, o governo termina com o setor privado quebrando" – Antônio Delfim Netto, economista, em entrevista à *Folha de São Paulo*, 1-8-02, analisando a crise econômico-financeira do Brasil.

"Fernando Henrique vai ficar para a história por ter levado o país por duas vezes a uma situação de insolvência" – Delfim Netto, id., *Folha de São Paulo*, 1-8-02.

A Ficção da estabilidade

"Nós estivemos dizendo o tempo todo para essa nação que não tinha mais nenhum problema. Estava tudo resolvido. O crescimento tinha voltado. Na verdade, a única coisa positiva foi uma redução na taxa de inflação, o que não é pouco. Mas, no mundo inteiro, a inflação diminuiu" - Delfim Netto, economista e deputado federal, respondendo às perguntas de Paulo Henrique Amorim no *UOL News*, 30-07-02.

O programa neoliberal mais caro do mundo!

"O programa de estabilização do Brasil foi o mais caro do mundo. Termina com uma taxa de inflação parecida com a de nossos competidores próximos, uma taxa de crescimento muito mais lenta, desemprego fantástico, dívida interna gigantesca, passivo externo muito comprometedor, todo o patrimônio nacional vendido. A herança que deixa é realmente desrespeitável" - Delfim Netto, economista e deputado federal, respondendo às perguntas de Paulo Henrique Amorim no *UOL News*, 30-07-02.

Touraine e o mapa do mundo

"O mapa do mundo mudou. A Europa, que não tem armas, passou a ser do tamanho da Suíça. A América Latina não conta. A África é um remoto hospital. A polarização do mundo se acentuou e um conflito carregado de ódio, de violência e de sacrifício libera forças mais poderosas que as mentiras de Wall Street"- Alain Touraine, sociólogo e diretor do Instituto de Estudos Superiores de Paris, no artigo *O significado da crise estadunidense* - *El País* 31-7-02.

Informática e ignorância econômica

“É irônico verificar que, na era da informática, milhões de pessoas agiram na base da ignorância durante toda a década de 90, quando a economia estava sendo tocada por espumas de ações artificialmente inflacionadas para beneficiar quem era remunerado com base em seu valor -os altos executivos” - Antônio Ermírio de Moraes, no artigo ‘Moral em queda livre’, *Folha de São Paulo*, 4-8-02.

A crise moral do capitalismo

“E agora? Como reconstruir a confiança? Como curar as moedas apodrecidas?” - Antônio Ermírio de Moraes, no artigo ‘Moral em queda livre’, *Folha de São Paulo*, 4-8-02.

“É mais fácil recuperarmo-nos de uma falência econômica do que de uma falência moral” - Antônio Ermírio de Moraes, no artigo ‘Moral em queda livre’, *Folha de São Paulo*, 4-8-02.

A crise de fé do capitalismo

Crise de fé do capitalismo – título do artigo de Michel Henochsberg, economista, professor da Universidade de Paris-X, publicado no jornal francês *Libération*, 31-7-02.

“Nosso sistema econômico e seu mercado repousam inteiramente sobre uma variável de natureza psicológica: a confiança. Ou, falando de outra maneira, mas que é o equivalente: a crença. Ou, mais ainda, a fé” - Michel Henochsberg no artigo “Crise de fé no capitalismo”, analisando o significado da sequência de escândalos financeiros nos EUA tipo Enron, Worldcom...- *Libération* 31-7-02.

Civilização e Barbárie

"Se tomarmos o Iluminismo e os ideais de 1789, que podem ser considerados fundamentos da civilização moderna, notamos que os sintomas da crise são evidentes". "Essa crise tem posto em xeque os conceitos mais caros à Revolução Francesa: Liberdade se transformou em um conceito vazio, ou até mesmo nome de um partido neonazista da Áustria. Igualdade deu lugar à indiferença, talvez uma das formas mais cruéis da barbárie contemporânea de um mundo absolutamente confortável em seu individualismo; Fraternidade foi substituída pela intolerância: entenda-se por intolerância não apenas as manifestações de violência física mas também, como diz um dos conferencistas, toda cultura que não dispõe, em seu próprio interior, de condições que lhe permitam admitir, assimilar ou reconhecer uma outra." – Aduino Novaes, promotor do ciclo ‘Civilização e Barbárie’ a ser realizado de 26 de agosto a 3 de setembro, simultaneamente em São Paulo e no Rio de Janeiro – *Jornal do Brasil*, 3-8-02.

Comunicações da Coordenação

Conselho Mundial das Igrejas

No dia 2 de agosto a coordenação do IHU recebeu a visita do Rev. Gordon Hauw, representante do secretário-geral do Conselho Mundial das Igrejas - CMI. Gordon Hauw, canadense, está visitando os quatro possíveis lugares do mundo que sediarão a Assembléia Geral do Conselho Mundial das Igrejas a ser realizado em 2006. Além de Porto Alegre, Nicósia no Chipre, Seul na Coréia do Sul e a Escócia estão entre as possíveis sede deste evento. Ele veio acompanhado por Francisco Assis da Silva, secretário do CECA.

Avaliação

Nos dias 21 a 23 de julho a coordenação do IHU esteve reunida em Garibaldi avaliando o projeto do Instituto Humanitas Unisinos e prospectando o futuro. A coordenação foi assessorada pelos Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes, Profa. Dra. Lucilda Selli, Ana Maria Formoso, Prof. Dr. José Ivo Follmann e pelo Prof. Dárnis Corbellini.



O entrevistado relâmpago desta edição é...

José Renato Soethe



José Renato Soethe trabalha no Programa de Desenvolvimento Regional Alternativo do IHU, que integra o Setor 2, Ética Cultura e Cidadania. Graduado em Jornalismo e Filosofia pela UNISINOS, especialista em Cooperativismo, mestre em Educação pela UFRGS, Renato está concluindo atualmente o doutorado em comunicação pela UNISINOS.

Doutorado- Voltei para a comunicação, porque acho fundamental a área da semiótica. É a grande chave para entender o que direciona os modos de pensar hoje. A semiótica é muito mais estratégica que outras disciplinas.

Família- Sou casado com Maria Regina há 19 anos. Tivemos dois filhos: Leonardo, que hoje tem 12 anos e Germano, que hoje teria dez anos, mas faleceu num acidente. Eu sempre cito os dois, porque Germano está muito vivo para nós, até mais do que nós. A minha família é o lugar no qual mais aprendi

até hoje. A minha maior faculdade. Para ser educador, é preciso nascer de novo, com cada filho.

Autores- Paulo Freire foi quem me converteu. Tenho outros que curto muito, como Heidegger, Fritjof Capra e Deepack Chopra. Não poderia deixar de citar Einstein, com seu método dedutivo a priori.

Livros- *O tao da física*, de Capra; *A árvore do conhecimento*, de Maturana e Varela; *O ser e o tempo*, de Heidegger.

Filme- *O ponto de mutação*, de Bernt Capra, baseado no livro de Fritjof Capra.

Nas horas livres- Confundo horas livres com trabalho. Também gosto muito de mato, selva.

Momentos felizes- Quando aprendi a meditar dentro da cultura oriental. Eu li bastante sobre filosofia oriental e esotérica e fui descobrindo o que significa meditar: conseguir não pensar em nada, entrar no vazio e descobrir que está completamente cheio de energia, outros chamam deus, espírito.

Unisinos- O lugar onde construí minha vida. É também um espaço de extrema contradição: por um lado, uma vontade humanizante-educativa e por outro, a necessidade de uma realidade administrativa. Essas coisas não combinam e deve-se optar. Isso é também expressão das contradições do mundo hoje.

IHU- Reúne as condições para se tornar uma instância de desenvolvimento geoescolar da Universidade.

Um grande sonho- Poder ver uma revolução cultural mundial, na qual as pessoas pudessem desenvolver suas originalidades e singularidades e reconceber completamente a idéia de ciência e tecnologia, de tal forma que o modo de ser do mundo tivesse como sustentação o desinteresse e a gratuidade.

INTERATIVO

Aniversários

6/8 – Márcia Brito (Projeto de Ação Social na Zona Sul de SL- Setor 2)	brito@poa	Ramal 4129
12/8 - Maria Clara Bueno Fischer (PPGEDU)	Clara@bage	Ramal 1166

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão. Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a ihuinfo@poa.unisinos.br